

Nomes de aves e trabalho de campo: reflexões metodológicas preliminares sobre um estudo lexicológico com os Juruna do Parque Indígena do Xingu

Flávia de Freitas BERTO¹

Resumo: Neste artigo apresentaremos os resultados obtidos durante a pesquisa de Iniciação Científica *Nomes de aves em Juruna: estudo lexicológico*, realizado no período de setembro de 2009 a agosto de 2010, financiado pela FAPESP. Esse projeto teve como objetivos coletar os nomes de aves em Juruna por meio de uma nova metodologia e iniciar o estudo lexicológico dessas palavras que categorizam o mundo biológico a partir de uma perspectiva Funcional-Tipológica. A sistematização e comparação de dados coletados em 2008 e 2009 proporcionaram a identificação de alguns processos de formação dos nomes para aves em Juruna e o estudo inicial de recursos particularmente produtivos nessa língua. Os dados foram coletados em pesquisa de campo etnográfica.

Palavras-chave: Nomes de aves; Juruna; Lexicologia.

Résumé: Dans cet article nous présentons les résultats obtenus lors de la recherche de l'Initiation Scientifique intitulée *Nomes de aves em Juruna: estudo lexicológico*, réalisée dans la période de septembre 2009 à août 2010, financée par FAPESP. Ce projet avait pour objectif de collecter des noms d'oiseaux en Juruna, avec une nouvelle méthodologie et de développer une étude lexicologique de ces mots, qui catégorisent le monde biologique à partir d'une perspective Fonctionnelle-Typologique. La systématisation et la comparaison des données recueillies en 2008 et 2009 ont permis l'identification de quelques processus de formation de noms d'oiseaux en Juruna et l'étude de ressources particulièrement productive dans cette langue. La collecte des données a été réalisée sur le terrain, en recherche ethnographique.

Mots-clefs: Noms d'oiseaux; Juruna; Lexicologie.

Introdução

A língua juruna, da família Juruna, tronco tupi (Rodrigues, 1986), é falada hoje por aproximadamente 348 pessoas (ISA, 2012). É uma língua tonal, com a ordem dos constituintes SOV, e conta com estudos linguísticos de Fargetti (1992, 2007) e Lima (2008). O povo juruna localiza-se no Parque Indígena do Xingu, MT, em sete aldeias (sendo a maior delas, Tubatuba) e em dois postos indígenas de vigilância. As aldeias contam com ensino bilíngue, Juruna-Português, tendo o alfabeto da língua sido elaborado em 1994 por Fargetti junto aos falantes.

O presente artigo é resultado da pesquisa de Iniciação Científica

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho". Araraquara - SP. Correio eletrônico: flaviafberto@gmail.com.

*Nomes de aves em juruna: estudo lexicológico*², financiado pela FAPESP no período de setembro de 2009 a agosto de 2010, que teve como objetivos documentar, analisar e discutir itens lexicais do campo semântico “aves”, que, posteriormente, resultou em uma pesquisa de mestrado. Também visou a uma familiarização com técnicas de pesquisa linguística, como treinamento de percepção de sons diferentes dos da língua portuguesa, transcrição fonética da língua juruna, trabalho com informantes, etc. Assim, aprofundamo-nos no conhecimento de aspectos de uma língua indígena brasileira com documentação e análise já iniciadas em Fonologia e Morfossintaxe.

Em trabalho de campo realizado em julho de 2008, pretendíamos checar as palavras coletadas em 2007 por Fargetti e que nos foram disponibilizadas, observando-se possibilidades de variação, uma vez que a pesquisadora havia trabalhado com material que poderia ter levado a erro: dadas as condições de que dispunha, utilizou apenas manual de identificação de aves (SOUZA, 1998)³. Durante a primeira etapa da pesquisa, recoletamos os nomes de aves em Juruna, com vistas a estudo lexicológico e aplicação lexicográfica, utilizando uma nova metodologia. A nova coleta foi realizada junto a vários homens juruna, utilizando-se para isso o conteúdo do projeto “Brasil 500 pássaros”, disponível em CD-ROM.

Contudo, apesar da boa recepção dos Juruna e do trabalho ter sido bem-sucedido, havia claras lacunas de coleta, ocasionadas pela escassez de tempo e pela grande quantidade de material envolvido. Dessa maneira, havia a necessidade de entrarmos novamente em contato com os falantes para novas coletas e para checar os dados de 2008.

Em trabalho de campo realizado em julho de 2009⁴, foi possível checar os nomes coletados em 2008 e redimensionar o trabalho já realizado. Dispondo do programa “Brasil 500 pássaros”, checamos os itens lexicais do campo semântico “aves” para que pudéssemos comparar com a coleta anterior.

Na segunda etapa, realizamos a sistematização e comparação

2 Neste artigo, mantivemos o conteúdo do trabalho resultante do Projeto de Iniciação Científica (FAPESP/Processo: [2009/02639-3](#)).

3 Esse material apresenta ilustrações muito pequenas e a pesquisadora Fargetti contou com apenas um informante do sexo masculino.

4 Projeto “Para um inventário da língua juruna”, financiado pelo convênio ABRALIN-IPHAN e Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho.

Materiais e Métodos

Abaixo, pode-se ter uma ideia de como funciona o referido *site*, em que é apresentada uma lista (Figura 1) com os nomes das aves brasileiras e, para cada uma delas, uma página (Figura 2) com uma ilustração da ave, sua classificação científica, nome regional (às vezes mais de um), descrição morfológica, hábitos, etc., e ícone para audição de sua(s) vocalização(ões) (que se observa na parte inferior, com a imagem de duas colcheias, notação musical).



Nomes Populares
 Nomes Científicos

Busca

A B C D E F G H I J K L M
 N O P Q R S T U V X Y Z

Jacamim
 Jacamim de costas verdes
 Jacani ou Piagoca
 Jacu-da-ocuruto-branco
 Jacu-estabo
 Jacupemba
 Jacutinga
 Jacupirumim
 Jacumã
 Japu
 Japu-verde
 Japuçu
 João-chique-chique
 João-de-barro
 João-de-pau
 João-de-...

Figura 2 - Ilustração, nome popular, classificação científica, descrição e vocalização da ave



Jensen (1988) ressalta que não existe um único método adequado para a coleta dos dados necessários para se fazer um estudo dos sistemas classificatórios de aves. Em sua coleta de nomes para aves em Wayampi, Jensen (1988) utilizou cerca de 500 fichas com fotografia ou desenho de cada espécie de ave. Dispondo do conteúdo do projeto "Brasil 500 aves", prescindiu-se das fichas utilizadas por Jensen (1988) e por outros pesquisadores na coleta de dados para estudos de sistemas classificatórios. Por meio do programa, foram apresentadas aos informantes as ilustrações de cada ave, a descrição de seu habitat, hábitos, etc. (selecionando-se, principalmente, as informações solicitadas pelo falante) e sua vocalização. Esta permitiu aos informantes, na maioria dos casos, uma identificação mais segura das aves.

Sick (2001) afirma que, para diversas espécies de animais, as manifestações sonoras são tão características quanto os aspectos morfológicos da ave. De acordo com o autor:

A voz trai uma ave que não se vê ou que não se consegue ver suficientemente bem, na densa vegetação, no vôo, à hora do crepúsculo ou à noite. Frequentemente não se chega a ver direito mais de dois terços das aves que se encontram durante uma incursão. (SICK, 2001, p.98)

Assim, durante a coleta, o cruzamento das informações "vocalização" x "ilustração, e descrição de hábitos" levou a dúvidas: a ave poderia ter cor/tamanho/aparência diferente na região; ou ainda

aspecto idêntico, porém vocalização diferente. Acrescente-se a isso o fato de os informantes apresentarem, algumas vezes, nomes idênticos para aves distintas, o que poderia indicar a classificação juruna referente à avifauna. Por isso, havia a necessidade de novos contatos para que essas dúvidas fossem elucidadas.

Apesar da importância das vocalizações, Sick (2001) adverte que um trabalho rigoroso de identificação de aves não pode ser pautado apenas pela audição das vocalizações ou apenas pela visão tida de uma espécie, em outras palavras, é necessário considerar todos os fatores possíveis.

Em 1987, ano em que foi publicada a primeira edição de *Ornitologia Brasileira*, Sick (2001) atentava para a escassez de estudos voltados para as aves em seu ambiente natural, alertando sobre a necessidade de gravar as vocalizações das espécies existentes no país. Dessa maneira, o programa “Brasil 500 pássaros” mostrou-se como um importante material, uma vez que conjuga os elementos fundamentais para a identificação de uma dada espécie de ave. Entretanto, o programa apresenta 506 de um total de 1.667 espécies pertencentes à avifauna brasileira⁵, o que nos aponta para o fato de que, ainda que útil, o programa não é suficiente em relação ao registro da diversidade de espécies que ocorrem no país.

Campos (2000) atenta para a necessidade de que no trabalho de campo haja um diálogo que respeite os referenciais do “outro”, em que sejam compreendidos os conceitos segundo o próprio grupo pesquisado.

Dessa forma, foram necessários novos contatos com os falantes para que fossem elucidadas as dúvidas sobre a formação dos nomes para aves em Juruna e compreendidos os pontos referentes ao que é denominado de maneira problemática por Jensen (1988) e por outros autores como “etnoclassificação”.

A “etnoclassificação” é o que poderíamos chamar de “conhecimento juruna sobre as aves de sua região”. Isso se diferencia da “Ornitologia”, como ciência, uma vez que é o conhecimento constituído por observação diversa, não circunscrita a uma “disciplina”, nem prerrogativa de poucos especialistas, uma vez que se relaciona com o cotidiano da comunidade indígena. Muitas vezes, nesse conhecimento sobre as aves, se inter-relacionam outros conhecimentos, tais como:

5 Cf. SICK, 1997.

migrações de aves, de acordo com a época de determinados frutos na mata; possibilidade de encontrar outros animais junto de determinadas aves; relações entre aves diferentes (localização e uso comum de ninhos, conflitos por alimentos, etc.); relação com mitologia; entre outros.

Para nos aproximarmos de tal conhecimento indígena, nosso olhar não deve ser o de tentar encontrar a classificação da nossa ornitologia entre os juruna, mas perguntarmo-nos qual seria a classificação deles, o “olhar” deles para as aves. Essa nossa aproximação se dá pela abordagem etnográfica, tendo em vista os trabalhos de antropólogos já realizados sobre os Juruna (LIMA, 1986, 1995, 1996 e OLIVEIRA, 1970) e, também, pela metodologia apontada por Campos (2002), em que as “etno-disciplinas” são rediscutidas.

Campos (2000) defende a necessidade do ir-e-vir entre o “estar lá”, referindo-se ao campo e o “estar aqui”, referindo-se à academia, desde que no trabalho de campo seja mantido o espírito do especialista. Desse modo:

No processo do ir-e-vir importa muito a escolha de pontos de vista ou referenciais de observação e o modo como os especialistas os utilizam em suas leituras do mundo e na relação dialógica, tanto com os “outros” das sociedades pesquisadas, como também com seus pares. Para isso torna-se essencial uma perspectiva que articule constantemente as abordagens trans- e interdisciplinares: na leitura do mundo. Transcender as disciplinas para poder transitar entre elas interdisciplinarmente (CAMPOS, 2000, s/p).

Desse modo, as etno-disciplinas representam a manutenção de um pensamento etnocêntrico, em que o saber do outro é apenas validado em relação a nossa ciência, denominação que tenta encobrir a ideia de que o saber oriundo da academia tem autoridade sobre os demais saberes.

Dessa maneira, seguindo o posicionamento adotado por Campos (2002), a nossa pesquisa se pauta em uma “etnografia da ciência do outro, construída a partir do referencial de saberes da academia” (Campos, 2000, s/p), que requer um estudo transdisciplinar, uma vez que não existem correspondências inequívocas entre o nosso modo compartimentado de “olhar” o mundo e os “olhares” de outras culturas.

Discussões preliminares

Nesta seção apresentaremos reflexões sobre a constituição da Lexicologia como ciência, a hipótese Sapir-Whorf e a contribuição de estudos que tenham como base a interface existente entre o mundo biológico e os dados linguísticos.

Lexicologia e a hipótese Sapir-Whorf

Nunes (2006) considera duas tendências linguísticas que se constituíram historicamente após a identificação, classificação, descrição e organização das palavras em listas surgidas no terceiro milênio antes de Cristo, provavelmente, com função mnemônica: o estudo das unidades lexicais (Lexicologia) e a confecção de glossários e dicionários (Lexicografia).

O autor descreve as diferenças entre essas duas áreas. A lexicologia identifica e descreve as unidades lexicais e tende para um saber especulativo “situado puramente no elemento da representação abstrata” (AUROUX *apud* NUNES, 2006). Ela, a lexicologia, estabelece critérios fonológicos, morfológicos, sintáticos ou semânticos de identificação das unidades lexicais, trabalhando com uma ou outra dessas áreas.

Por sua vez, a lexicografia desenvolve métodos e técnicas para produzir dicionários em suas diversas formas (monolíngues, bilíngues, gerais, escolares), conduzindo a um saber prático. Assim, a lexicografia se preocupa com a aquisição de um domínio da língua, de um domínio de escrita e de um domínio de enunciação e de discurso.

O autor mostra que os estudos da palavra foram elaborados durante séculos de controvérsias e de atividades práticas. No período em que a linguística moderna negou à lexicologia sua validade enquanto ciência para dedicar-se ao estudo exclusivo das formas e funções imanentes, o interesse de sociólogos, etnólogos e pessoas de outras áreas pela lexicologia apenas aumentou.

Apesar desse período de incertezas, ele afirma que a lexicologia é uma disciplina imprescindível à linguística, por seu vínculo com a morfologia e com a semântica “e por ser um ponto de encontro nas ciências humanas, além de ser indispensável à maior parte das

'aplicações' da linguística, desde a filologia e a tradução até a confecção de dicionários" (NUNES, 2006, p.151).

Biderman (2001) discute a existência de uma unidade léxica, a palavra, conceito de base grega, contestado por diversos linguistas. A autora salienta que todo falante tem uma consciência intuitiva de uma unidade léxica, independentemente de sua língua materna. São mencionados também os dados fornecidos pela Psicolinguística que indicam que a palavra é uma entidade psicolinguística primordial, a primeira que articula o discurso humano. A autora afirma que na primeira etapa da aquisição do signo linguístico, a fala infantil se caracteriza pela "fala holofrástica", ou seja, sentenças completas da fala adulta que são representadas por palavras isoladas.

Biderman (2001) discorre sobre o modo como a teoria gramatical clássica estabeleceu a palavra como unidade operacional e como, principalmente a partir do "VI Congresso Internacional de Linguística", em 1948, esses conceitos foram seriamente questionados e a conceituação da palavra dividiu opiniões entre os linguistas.

No artigo "Dimensões da palavra", Biderman (1998, p.88) afirma que "é a partir da palavra que as entidades da realidade podem ser nomeadas e identificadas". Em sua explanação sobre a teoria presente em *Biological foundations of language*, do neurolinguista E. Lenneberg, Biderman afirma que:

[...] a atividade de nomear, isto é, a utilização de palavras para designar os referentes extra-lingüísticos é específica da espécie humana. A nomeação resulta do processo de categorização. Entende-se por categorização a classificação de objetos feita por um sujeito humano, resultando numa única resposta a uma determinada categoria de estímulos do ambiente. A categorização supõe também a capacidade de discriminação de traços distintivos entre os referentes percebidos ou apreendidos pelo aparato sensitivo e cognitivo do indivíduo (BIDERMAN, 1998, p.88).

Como ressaltado pela autora, o processo de categorização subjacente à semântica de uma língua natural tem critérios de classificação diferenciados e variados, por isso "a conceptualização da realidade configura-se linguisticamente em modelos categoriais arbitrários não-coincidentes" (BIDERMAN, 1998, p.92).

Ao tratar da dimensão cognitiva da palavra, Biderman (1998) utiliza-se da hipótese Sapir-Whorf, na qual é defendida a ideia de que

cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais.

Primeiramente, Biderman (1998) menciona a teoria de Sapir, que afirma que a própria percepção que o indivíduo tem da realidade é pré-moldada pelo sistema linguístico que ele utiliza, pois as categorias existentes nessa língua o predispõem a certas escolhas de interpretação do real. No entanto, a pesquisadora afirma que foi Whorf quem procurou demonstrar essa teoria de maneira mais radical e menos abstrata, procurando aplicá-la a línguas indígenas da América (em particular, o Hopi). De acordo com Biderman, para Sapir

A linguagem é um guia para a "realidade social" [...] Os seres humanos não vivem só no mundo objetivo, ou só no mundo da atividade social como normalmente se admite, mas vivem quase totalmente à mercê da língua específica que se tornou o meio de expressão para a sua sociedade. É ilusório imaginar que alguém possa fundamentalmente ajustar-se à realidade sem o uso da linguagem e que a língua seja apenas um recurso qualquer para resolver problemas específicos de comunicação ou reflexão. O fato é que "o mundo real" é, em grande parte, construído inconscientemente sobre a base dos hábitos linguísticos do grupo. Não existem duas línguas, por mais semelhantes que sejam, que possam ser consideradas como representantes da mesma realidade social. Os mundos em que vivem as diferentes sociedades humanas são mundos distintos e não um só e mesmo mundo, ao qual se teriam apostado etiquetas diferentes (BIDERMAN, 1998, p.93).

A hipótese Sapir-Whorf teve diferentes interpretações que ficaram tradicionalmente conhecidas como as versões forte e fraca. Os adeptos do determinismo linguístico, versão forte, defendem que a linguagem determina o pensamento do falante, ou seja, a língua o limita a certos condicionamentos de interpretação. Já os adeptos ao relativismo linguístico, a versão fraca, defendem que a linguagem é um dos fatores que influenciam o entendimento da realidade (TILIO, 2007, p.109).

Apesar do pouco crédito que atualmente grande parte do meio acadêmico atribui ao determinismo linguístico, debates que tenham como tema os limites desse condicionamento da sociedade continuam a ser travados. Everett (2005), por exemplo, retoma essa hipótese. De acordo com o pesquisador, a língua amazônica pirahã não possui recursividade, não têm palavras para cores e seus falantes contam

apenas até três, fatos que refletiriam que a experiência imediata limita a competência linguística. Essa afirmação provocou forte reação dos pesquisadores que pautam as análises linguísticas na gramática universal chomskyana. Assim, o fato de os Pirahã terem três maneiras de quantificarem, por exemplo, não indica que eles sejam povos culturalmente limitados, mas apenas que eles não necessitam de mais quantificadores (fato semelhante ao que ocorre com alguns povos tupi).

Entretanto, como ressalta Mateus (2006), a partir do desenvolvimento da teoria chomskyana, a linguística voltou-se

para as questões da origem e conhecimento da competência lingüística, e tem como principal objectivo a procura dos princípios da gramática universal e dos parâmetros para os quais cada língua fixa um determinado valor (MATEUS, 2006, p.6).

Concepção essa que está distante do “relativismo psico-linguístico”, em que o homem é tido como produto da cultura na qual está inserido, em que as diferenças culturais espelham-se nas diferentes línguas, evidenciando diferentes maneiras de estar no mundo. Assim, de acordo com a autora:

O espaço de discussão sobre as relações entre língua e cultura tem sido progressivamente preenchido pelas preocupações dos sociolinguistas no que respeita às questões da variação linguística. A grande importância atribuída à variação das línguas, em interacção com a variação das sociedades, abriu campo para o estudo dos factores intervenientes nessa variação, internos e externos, históricos e resultantes do contacto entre línguas, e para o desenvolvimento das perspectivas teóricas nesta área. Bilinguismo e multilinguismo, alternância de códigos, línguas mistas e línguas crioulas supõem, evidentemente, capacidades cognitivas e programas inatos, mas não estabelecem com essas capacidades e programas uma relação de causa a efeito. Ou seja, a variação das línguas não resulta apenas das capacidades cognitivas do homem, mas da interacção dos factores estritamente linguísticos e dos factores sociológicos (MATEUS, 2006, p.8).

Dessa forma, a hipótese Sapir-Whorf tem que ser analisada com ressalvas, uma vez que não há como se comprovar a hipótese de que existe uma pressão da língua sobre a cognição humana, como defendido pelo determinismo linguístico, assim como devem ser analisadas com ressalvas teorias que ignorem o condicionamento sócio-cultural da língua. Na relação entre língua e cultura não há como se determinar qual fator predetermina o outro.

Sobre a interface existente entre os sistemas biológicos e os dados linguísticos

O estudo e a documentação de uma língua indígena brasileira possuem relevância para o conhecimento linguístico, podendo contribuir com a discussão de teorias e melhor compreensão da linguagem humana. Dessa forma, um estudo que parte de seu léxico, com vistas, posteriormente, à elaboração de verbetes de um dicionário bilíngue, constitui importante empreendimento científico. Inclusive, este trabalho permite um diálogo com pesquisas realizadas sobre línguas brasileiras e a continuidade da documentação e descrição da língua juruna (FARGETTI, 1992, 1994, 2001; FARGETTI e RODRIGUES, 2005, 2008), que, tendo em vista seu número de falantes, em relação à sociedade majoritária, pode ser considerada ameaçada de substituição pela língua portuguesa, e, em consequência disso, apresenta risco de perda iminente.

O conhecimento do campo semântico “aves” em Juruna permite a compreensão de processos de formação de palavras, de aspectos fonológicos relevantes como acento e tom, reduplicação, etc., além da compreensão inicial do tipo de classificação juruna para as aves (“etnoclassificação”), que pode apresentar importância na cultura do grupo. Já na primeira edição de *Ornitologia Brasileira*, de 1987, Sick destaca a iniciativa de Jensen (1988) em “Sistemas indígenas de classificação de aves” como um importante estudo para a compreensão da maneira como as populações indígenas sistematizam o conhecimento relacionado ao mundo biológico.

Nesse estudo, Jensen (1988) examina sistemas classificatórios de aves de quatro grupos indígenas (Wayampi, Urubu-ka’apor, Saterémawé e Apalaí, sendo os dois primeiros pertencentes à família tupi-guarani, o terceiro, mawé e o último, karib), que, segundo o autor, guardam semelhanças relativas ao ambiente e ao estilo de vida. No entanto, é importante ressaltar que Jensen realiza seu estudo comparativo partindo da análise minuciosa do sistema wayampi de classificação de aves. Desse modo o pesquisador pretende identificar os aspectos característicos do sistema classificatório tupi para compreender os papéis que o ambiente físico, a cultura e a língua desempenham na evolução desses sistemas.

Jensen (1988) ressalta que a etnobiologia pode oferecer um critério aplicável diretamente aos dados linguísticos e antropológicos. Assim, o autor defende que aspectos da biologia sistemática, conforme percebidos pelos povos indígenas, ofereceriam um critério relativamente estável em comparação com os fatores culturais e linguísticos. O pesquisador atenta para o fato de que desde 1954 estudos cognitivos têm sido desenvolvidos para entender culturas humanas como sistemas de conceitos. De acordo com o autor, esses estudos evidenciam que a maioria dos seres humanos em todas as partes do mundo usa estratégias semelhantes ao organizar conceitos biológicos (Cf. Berlin *et al*, 1973). Assim, estudos como o realizado por Jensen e o por nós iniciado podem contribuir para uma melhor compreensão dos universais de classificação biológica dentro de uma cultura ou entre culturas distintas, tornando-se um instrumento importante para se estudar as origens e rotas de dispersão das diversas línguas indígenas.

Na esteira de Jensen, escolhemos as aves como meio de pesquisa na interface existente entre cultura, língua e ambiente pelas seguintes razões: o conhecimento que os Juruna possuem sobre as aves e esse conjunto de informações e princípios armazenados e passados de geração para geração ocupam um espaço importante dentro do grupo, como é possível notar por meio de mitos, cantos e rituais; a classificação das espécies dentro da classe Aves pode se valer de um amplo conjunto de critérios morfológicos, ecológicos, etológicos⁶ e acústicos; o número de espécies de aves na região onde se localiza o povo juruna é alto, o que permite uma ampla base de dados e um estudo aprofundado; e as figuras, vocalizações e descrições do habitat de cada ave presentes no programa “Brasil 500 pássaros” se mostrou um ótimo instrumento para a realização da pesquisa.

Análise dos dados

A sistematização e comparação entre os nomes coletados nas pesquisas de campo de julho de 2008 e julho de 2009 indicam que os Juruna reconheceram duzentas e sessenta e duas aves das quinhentas e seis presentes no programa “Brasil 500 pássaros”.

Pretendeu-se com esta monografia, concluir a sistematização

⁶ Etologia refere-se ao ramo da Biologia que se dedica ao estudo do comportamento dos animais.

dos dados e identificar os recursos utilizados na formação de cada nome coletado. Um dado nome de identificação não somente identifica uma espécie, mas também pode fornecer informações de parentesco e detalhes sobre a morfologia ou aspectos do comportamento de cada ave.

A escrita dos nomes para aves em Juruna segue a ortografia proposta por Fargetti (1994). Para a transcrição fonética, utilizamos o alfabeto do *International Phonetic Alphabet* (IPA). Assim, cada nome conta com dois tipos de transcrição: a ortográfica e a fonética, servindo a objetivos diferentes. As marcações de tom foram suprimidas por não serem pertinentes à análise por nós aqui realizada.

Por meio da análise dos dados obtidos, pudemos levantar algumas hipóteses sobre os recursos da língua utilizados na formação dos nomes para aves em Juruna.

Antes de se começar qualquer análise lexicológica é necessária a compreensão de que a língua é um sistema constituído por partes interdependentes. No entanto, por ser inviável o estudo desse sistema de uma só vez, várias frentes linguísticas tentam explicá-lo. Os estudos referentes à categorização do mundo biológico, por exemplo, permitem o conhecimento dos processos de criação de palavras a partir de aspectos fonológicos, gramaticais e lexicais já existentes na língua.

Assim, apresentaremos neste trabalho a análise de alguns recursos fonológicos – como a utilização de onomatopeias no processo de formação do léxico juruna; morfológicos, utilização de afixos, reduplicação, entre outros; e morfossintáticos – por meio do estudo dos compostos genitivos, compostos estativos e cláusulas relativas. Por se tratar de pesquisa que se realiza na interface existente entre língua e cultura, o aspecto semântico também é relevante, uma vez que permite distinguir as formas monossêmicas das polissêmicas e estudar as relações metafóricas ou metonímicas presentes nos nomes de aves em juruna.

Nomes para aves em Juruna

Shachter (1985) afirma que para se definir as classes de palavras de uma língua devem ser utilizados critérios gramaticais (morfossintáticos), não critérios nocionais ou semânticos. Desse modo,

as línguas do mundo não possuem as mesmas classes de palavras, uma vez que as características gramaticais não são idênticas em todos os sistemas linguísticos.

Em sua tese, Fargetti (2001), seguindo Schachter (1985), realiza uma análise das classes de palavras em Juruna partindo do preceito de que existem classes abertas – que permitem inovação, como nomes, verbos e advérbios – e as classes fechadas – que possuem um número fixo de elementos, como posposições, pronomes, clíticos, e partículas.

De acordo com a pesquisadora, em Juruna, a classe dos nomes é constituída “por elementos que podem ocorrer como núcleo de sintagma nominal em função de argumentos de verbos e de preposições” (2001, p. 109), podendo ser modificados por possessivos, demonstrativos, numerais e estativos. Observa-se que os nomes em Juruna se distinguem em simples e derivados. Os nomes derivados são obtidos por afixação (reduplicação) e por composição (endocêntrica e exocêntrica).

Recursos para a formação dos nomes para aves em Juruna

Por meio da análise dos dados, levantamos algumas hipóteses sobre os recursos da língua utilizados na formação dos nomes para aves em Juruna.

O nome juruna para um táxon⁷ pode ser uma palavra simples (de um só radical), ou composta (mais de um radical).

Palavras simples

Ao sistematizarmos os dados coletados em julho de 2008 e 2009, notamos que, normalmente, as palavras formadas por um só radical constituem o que os informantes chamam de nome geral, ou seja, são nomes de aves prototípicas. O nome “ware”, por exemplo, congrega várias espécies que os juruna acreditam ser similares. A compreensão da maneira como esse povo organiza seu conhecimento sobre a avifauna será objeto de nossa investigação futura. Exemplos:

(01) **uuhu**[uu'φu], Urubu-de-cabeça-preta, *Coragyps atratus*

7 Terminologia adotada por Jensen (1988) em diálogo com a Biologia. De acordo com o autor, “todas as culturas reconhecem grupos naturais de organismos e os tratam como unidades descontínuas da natureza. Estas discontinuidades são táxons” (p.12).

- (02) **ware**[wa're], Pica-pau-de-topete-vermelho, *Campephilus melanoleucos*
 (03) **yakurixi** [jakuri'ʃi], Beija-flor-preto, *Anthracotorax nigricollis*
 (04) **yarābe**[jãrã'bẽ], Pato-do-mato, *Cairinamoschata*
 (05) **uxixi**[uʃi'ʃi], nome geral para Passeriformes

Palavras compostas

De acordo com Fargetti (2001), são considerados compostos os elementos que não apresentam a possibilidade de intercalação de outro elemento (como um modificador, por exemplo) e que apresentam um significado que corresponde à totalidade do composto e não à soma dos significados de cada elemento que o constitui.

Compostos genitivos

Os compostos genitivos em Juruna são construções que seguem uma ordem rígida, em que o possuidor antecede a coisa possuída, ou seja, em que o modificador antecede o nome (cf. Fargetti, 2001, p.155):

- (06) **e'amĩmaka**[ʔeʔa'mĩ ma'ka], espírito – criação, "criação do espírito", Jacanim, *Donacobius atricapillus*

Nesse exemplo, observa-se que o determinante "espírito", '**e'amĩ**'), modifica **maka**, "criação", o elemento determinado. Esse processo ocorre também nos seguintes exemplos:

- (07) **amanaidja**[ama'na i'dʒa], "chuva – mãe (mãe da chuva)", Maçarico-pintado, *Actitis macularia*
 (08) **aurupadaadaka**[auru'pa a'daka], "planta-água-pé – verme (verme da água-pé)", Jaçanã ou Piaçoca, *Jacana jacana*
 (09) **aparu abe itxaiwaa**[apa'ru a'be i'tsa iʊ'aa], "mandioca – casca – caldo – dono (dono do caldo da casca de mandioca)", Maria-cavaleira, *Myiarchus ferrox*
 (10) **kualaalaa**[kua'ʎa a'ʎaa] "migrante – aldeia (migrante da aldeia)", Garça-branca-grande, *Casmerodius albus*

Os nomes para aves compostos por DETERMINANTE + DETERMINADO em Juruna são, em sua maioria, constituídos pelo determinante **maka** (06), que significa "criação". Encontramos também nomes de espécies formados pelos determinantes **adaka**, que significa "verme" (08), ou seja, há uma relação de dependência entre

os dois nomes; **idja**, que corresponde à “mãe” (07), e **iwaá** (09), que corresponde a “dono”. Uma interessante característica dos compostos genitivos é que eles oferecem informações relevantes, ao nível da palavra, referentes ao mundo biológico e à cosmologia juruna, como podemos observar em (10), o único composto genitivo constituído pelo determinante **alaa**, “migrante”.

Compostos estativos

Em Juruna, as composições formadas por nome + verbo estativo ocorrem sempre numa relação DETERMINADO-DETERMINANTE. Os nomes assim compostos são denominados de compostos descritivos por Rodrigues (1996). Em nossa análise, denominamos esses compostos de estativos, seguindo a orientação teórica adotada por Fargetti (2001). Essas construções são, em sua maioria, formadas pelo nome prototípico de uma ave acrescido por um verbo estativo, como nos exemplos a seguir:

NOME + VERBO ESTATIVO

(11) **aberiasuriri**[abe'ri a'sũri], juriti – vermelha, “juriti vermelha” ou “a juriti é vermelha”, Juriti-piranga, *Geotrygon Montana*

(12) **adura xixi**[a'dura 'SiSi], martim-pescador – pequeno “martim-pescadorpequeno”, “o martim-pescador é pequeno” Arirambinha, *Choloceryle aenea*

(13) **mamanãurahihĩ**[mama'nã ura'hihi], ariramba – grande, “ariramba grande” ou “a ariramba é grande”, Ariramba-da-copa, *Galbuladea*

Nesses exemplos, é seguida a ordem DETERMINADO – DETERMINANTE, ou seja, o verbo estativo é posposto ao nome e o modifica como um atributo. O determinado **adura**, “martim-pescador”⁸, por exemplo, é seguido pelo determinante **xixi**, “pequeno”. No entanto, como salientado por Fargetti (2001, p.157), cada uma dessas construções pode ser interpretada como uma sentença em que

8 Nesses casos, optamos pela adoção da tradução de **aberi**, **adura** e **mamanã**, como, respectivamente, “juriti”, “martim-pescador” e “ariramba”, uma vez que os dados coletados apontam para a existência de equivalência entre os nomes classificatórios em juruna e em português. No entanto, é importante ressaltar que os sistemas de classificação de aves não são correspondentes, assim como a classificação representada pelos nomes populares em português não correspondem exatamente à classificação denominada científica. Por exemplo, as espécies cujos nomes populares em português são formados pelo determinado “andorinha” são, na maioria das vezes, pertencentes à Família *Hirundinidae*. No entanto, quando nos reportamos à espécie “andorinha-do-mar-preta”, referimo-nos a uma espécie pertencente à Família *Laridae*.

o nome é um argumento do verbo estativo.

Cláusulas relativas

Como observado por meio da análise dos dados, parte das palavras compostas que formam o vocabulário referente à avifauna em Juruna é constituída por modificadores que podem ser um substantivo ou uma forma verbal estativa. Entretanto, existem nomes de aves que são formados por cláusulas relativas.

De acordo com Fargetti (2001, p.246), a relativização do sujeito da oração (transitiva ou intransitiva) é dada pelo sufixo **-yã**.

- (14) [**senahĩ [txa-txa-yã]**] **ibĩaibĩadjutxa** (FARGETTI, 2001, p.247)
 homem ir-red.-nom dinheiro com. ir
 N domínio S relativa
 "O homem que foi embora levou o dinheiro"

É importante notar em (17), que o verbo sofre reduplicação quando ocorre com **-yã**. Observamos que isso também ocorre nos nomes de aves compostos por cláusula relativa, como nos exemplos:

- (15) **turuxarikaria-ria-yã** [turuSa'ri kariaria'jã], Sabiá-laranjeira,
Turdusrufiventris
 sabiá dançar-red.-nom
 "sabiá que é dançarino"
- (16) **uruepa-kuahe-he-yã** [u'ru epaku'a hehe'jã], Andorinha-do-rio,
Tachycinetaalbiventer
 andorinhamadeira-oco loc.red.nom.
 "andorinha que fica no oco do pau"
- (17) **turuxariewahe-he-yã** [turuSa'ri eu'aa hehe'jã], Sabiá-da-mata,
Turdusfumigatus
 Sabiá campo loc. nom.
 "sabiá que fica no campo"

Em (16) e (17), notamos que o locativo **he**, que, segundo Fargetti (2001, p.137) indica localização espacial, encontra-se reduplicado – comportando-se como um verbo –, e é relativizado pelo sufixo nominalizador **-yã**.

Em (16) e (17), notamos que o locativo **he**, que, segundo Fargetti (2001, p.137) indica localização espacial, encontra-se reduplicado – comportando-se como um verbo –, e é relativizado pelo sufixo nominalizador **-yã**.

Simbolismo sonoro: as onomatopeias

Saussure (2004, p.83) afirma que as onomatopeias

Não são jamais elementos orgânicos de um sistema lingüístico. [...] Não apenas são pouco numerosas, mas sua escolha é já, em certa medida, arbitrária, pois que não passam de imitação aproximativa e já meio convencional de certos ruídos. [...] Em resumo, as onomatopeias são de importância secundária, e sua origem simbólica é em parte contestável (SAUSSURE, 2004, p.83).

Em "*Onomatopeyasdeleuskara: análisis y ejemplos*", Ibarretxe-Antuñano (2009) atenta para o fato de que ao se colocar as onomatopeias como casos marginais, deixa-se de lado o estudo desse processo de formação de palavras que é extremamente produtivo em muitas línguas do mundo. Além da influência da opinião de linguistas mais clássicos, Ibarretxe-Antuñano (2009) aponta outros fatores que corroboram para a escassez de estudos linguísticos que tratem das onomatopeias de maneira mais aprofundada, como a diversidade de "etiquetas" e delimitação do conteúdo, disparidades que dependem não apenas do teórico como também das línguas que são objetos de dado estudo; características linguísticas peculiares desse tipo de processo; sua utilização em registros orais; dificuldade para sua tradução; e forte carga sociolinguística que o seu uso carrega.

Dessa forma, adotamos neste trabalho o conceito de simbolismo sonoro presente em Hintonet al (1994), que o definem como a união direta entre som e significado. Assim, existem palavras onomatopaicas – as que tentam reproduzir os sons dos animais, por exemplo –, no entanto, de acordo com Ibarretxe-Antuñano (2009) e Hintonet et al (1994) a maioria dessas palavras não apenas imitam sons, mas representam estados, maneiras, características visuais, etc. De acordo com Ibarretxe-Antuñano (2009), as onomatopéias são apenas um tipo desse grupo de palavras. Hintonet et al (1994) propõem uma classificação para os diferentes tipos de simbolismo sonoro:

- Simbolismo sonoro corporal: uso de alguns sons ou padrões tonais para expressar o estado interno, tanto emocional quanto físico, do falante;
- Simbolismo sonoro imitativo: onomatopeias que

representam sons da natureza;

- Simbolismo sonoro sinestésico: representação, através de símbolos acústicos, de fenômenos não auditivos, como as propriedades visuais, tácteis ou proprioceptivas.
- Simbolismo sonoro convencional: associação analógica de certos fonemas ou grupos de fonemas a certos significados.

Grande parte dos nomes para aves em juruna é formada por palavras onomatopaicas, ou seja, palavras que são formados por simbolismo sonoro imitativo. No presente trabalho, não analisaremos as palavras formadas por outro tipo de simbolismo sonoro.

Monteiro (2002, p.195) denomina o processo de formar onomatopeias de "fonossema". O autor afirma que esse processo decorre da necessidade de se utilizar, na atividade comunicativa, palavras que expressem os sons que nos circundam. No entanto, ele ressalta que existe uma nítida diferença entre os ruídos naturais e os fonemas, uma vez que estes são produzidos pelo aparelho fonador e são caracterizados por serem articuláveis. Dessa forma, para o autor, a onomatopeia se caracteriza pela tentativa de se reproduzir determinado som físico por meio de fonemas, representações que variam de língua para língua, uma vez que os inventários fonológicos são diferentes em cada idioma. Para ilustrar tal processo de formação de palavras, Monteiro (2002) traz exemplos como "piopio", "cocoricó", "bem-te-vi", e outros.

Por sua vez, o ornitólogo Sick (2001) ressalta que o hábito de fazer da vocalização de aves o nome popular da espécie é tão antigo como a própria humanidade. Ele afirma que os nomes dados por alguns povos indígenas americanos dão uma perfeita impressão da respectiva vocalização, como por exemplo: nandu, jaó, coró-coró, tacha, inhuma, acauã, caracará, quiri-quiri, carão, arara, muru-cututu, bacurau, birro e cançã. Assim, por meio de recursos linguísticos podem-se reproduzir qualidades proeminentes da voz de determinada ave.

Nos nomes onomatopaicos para aves em juruna, o elemento imitativo pode ser monossilábico ou polissilábico, podendo haver ou não reduplicação, como em (21) e (22). O número de sílabas reduplicadas na onomatopeia parece refletir o número de sílabas percebidas como formando uma unidade no canto, (23) a (25), de Jensen (1988, p.20).

Exemplos:

- (21) **tximina**[tSi'mina], Saci, *Tapera naevia*
- (22) **xaraku**[Sara'ku], Saracura-três-potes, *Aramidescajanea*
- (23) **titikĩ**[titi'kĩ], Bem-te-vi, *Pitangussulphuratus*
- (24) **xikaxikã**[Si'kãSi'kã], Chincoã, *Piayacayana*
- (25) **kaukau**[kau'kau], Socó-grande, *Ardeacocoi*

Alguns nomes de aves em juruna são constituídos pelo nome onomatopaico acrescido de um verbo estativo que, normalmente, traz informações relativas ao tamanho ou à cor de uma dada espécie. Exemplos:

- (26) **xikaxikãxixi**[Si'kãSi'kã 'SiSi], nome onomatopaico prototípico + pequeno, arianinha-amarela, *Capsiempisflaveola*
- (27) **txutxuruawĩiwĩi**[tSu'tu'ru awĩiwĩi], nome onomatopaico prototípico + branco, Choca-bate-cabo, *Thamnophiluspunctatus*

No entanto, por vezes, um dado nome onomatopaico está posposto ao nome prototípico de certa ave, particularizando-a. Exemplos:

- (28) **uxixikararãxixi**[uSi'Si kara'rã 'SiSi], Arapaçu-riscado, *Xiphorhynchusobsoletus*
- (29) **uxixikararãurahĩhĩ**[uSi'Si kara'rã ura'hĩhĩ], Arredio-do-rio, *Cranioleuca vulpina*

O nome “uxixi” parece corresponder às espécies que constituem a Ordem dos Passeriformes. Sabemos, entretanto, que se trata de um nome geral, prototípico e que, nos exemplos apresentados, é particularizado pelo acréscimo do nome onomatopaico e dos verbos estativos, que podem indicar o tamanho de cada espécie.

Observamos também a ocorrência de nomes onomatopaicos acrescido pela palavra “nana”, que significa “outro”:

- (30) **nana kamena**, outra história, “Outra história” (FARGETTI, 2001, p.56)
- (31) **pitxupitxu nana**[pitSupi'tSu 'nana], Flautim-marrom, *Schiffornisturdinus*

Fargetti (2001) apresenta exemplos em que o vocábulo **nana** antecede o sintagma nominal, como podemos observar em (30). No entanto, nos nomes coletados para nomes de ave em juruna, a palavra “nana” sempre está posposta ao nome prototípico, como em (31), em

que o nome onomatopaico **pítxupítxu** é seguido de **nana**. Nos nomes formados por construções possessivas, a palavra “nana” também aparece posposta ao determinado. No entanto, ainda não possuímos mecanismos para explicar tal fato (sua ocorrência posposicionada nos nomes para aves) e não compreendemos os critérios utilizados pelos Juruna para marcar dada espécie como sendo “outra” e manter a homonímia em outros casos (sem utilizar qualquer recurso que particularize certa espécie).

Considerações finais

Os nomes para aves refletem as espécies características de cada região. Obviamente, novos nomes podem ser inseridos nos sistemas de classificação, seja por empréstimos ou por palavras que se refiram ao comportamento ou à morfologia das aves por comparação com as espécies previamente conhecidas pelo grupo. Como dito anteriormente, por se tratar de pesquisa que se realiza na interface existente entre língua e cultura, o aspecto semântico também é relevante, uma vez que permite distinguir as formas monossêmicas das polissêmicas e estudar as relações metafóricas ou metonímicas presentes nos nomes de aves em Juruna. Essas questões são desenvolvidas com a continuidade de nossa pesquisa, uma vez que essas relações trazem informações fundamentais sobre os critérios utilizados pelos Juruna na categorização da avifauna.

Agradecimentos: Agradecemos à FAPESP pela concessão da bolsa de Iniciação Científica, à Profa. Dra. Cristina Martins Fargetti, orientadora dessa pesquisa, à FUNAI, pela autorização para entrada na área indígena e ao IPHAN (em convênio com a ABRALIN e a UNESP), cujo auxílio viabilizou a viagem a campo para coleta de dados.

Referências

BIDERMANN, M. T. Dimensões da palavra. In: **Filologia e língua portuguesa**, S. Paulo, Humanitas Publicações/FFLCH/USP, nº 2, 1998, 81-118. Disponível em «<http://fflch.usp.br/dlciv/lport/site/images/arquivos/FLP2/Biderman1998.pdf>». Acesso em «dez. 2009».

_____. **Teoria Lingüística**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. Dimensões da palavra. In: **Filologia e língua portuguesa**, S. Paulo, Humanitas Publicações/FFLCH/USP, nº 2, 1998, 81-118. Disponível em «<http://fflch.usp.br/dlcvlport/site/images/arquivos/FLP2/Biderman1998.pdf>». Acesso em «jun. 2011».

BRASIL 500 pássaros: comemoração 500 anos do Brasil. Cuiabá: Eletronorte, Eletrobrás, Ministério de Minas e Energia, 2000. 1 CD-ROM.

CAMPOS, M. D. Etnociência ou Etnografia de Saberes e Técnicas? In: **Métodos de coleta e análise de dados em etnobiologia, etnoecologia e disciplinas correlatas**, Rio Claro: UNESP/CNPq, 2002.

“Estar aqui” e “estar lá”: tensões e interseções com o trabalho de campo. **Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Etnomatemática**, 2000. Disponível em «<http://www2.fe.usp.br/~etnomat/anais/MarcioDOLneCampo.html>». Acesso em «jun. 2011».

EVERETT, D. L. Cultural Constraints on Grammar and Cognition in Pirahã. **Current Anthropology**, Vol. 46, n.4, 2005. Disponível em «<http://www.icsi.berkeley.edu/~kay/Everett.CA.Piraha.pdf>». Acesso em «jun. 2010».

FARGETTI, C. M. **Análise Fonológica da Língua Jurúna**. 1992. 125 f. Dissertação (Mestrado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Campinas, SP, 1992.

_____. Proposta preliminar de escrita para a língua Jurúna, fevereiro, 1994. In: **Relatório de 1994** – Projeto de Educ. para o P.I.X., comunidade Jurúna (não publicado, encaminhado ao MEC e ao ISA), 1994.

FARGETTI, C. M. **Estudo Fonológico e Morfossintático da Língua Juruna**. 2001. 125 f. Tese (Doutorado em Linguística), Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Campinas, SP, 2001.

_____. **Estudo Fonológico e Morfossintático da Língua Juruna**. Muenchen: LINCOM-EUROPA, 2007.

_____. Verbos estativos em juruna. In: **Seminário do GEL**, São Paulo: USP, 2002. Disponível em «<http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/32/htm/comunica/ci057.htm>». Acesso em «jun. 2011».

FARGETTI, C. M.; RODRIGUES, C. L. Estudo comparativo do sistema de pessoa em xipaya e juruna (tupi). In: **Resumos**. 53º Seminário do GEL, São Carlos: UFSCAR, 2005a.

_____. Consoantes do xipaya e do juruna: uma comparação em busca do proto-sistema. **ALFA** (UNESP), v. 52(2), p. 535-563, 2008. Disponível em «<http://www.alfa.ibilce.unesp.br/sumario.php?livro=8>». Acesso em «jun. 2011».

HINTON, L.; NICHOLS, J.; OHALA, J. (Eds.). **Sound Symbolism**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

IBARRETXE-ANTUÑANO, I. **Onomatopeyas del euskara: análisis y ejemplos**. Disponível em «<http://www.unizar.es/linguisticageneral/articulos/Ibarretxe-Basque-onomatopoeia-09.pdf>». Acesso em «jun. 2011».

ILARI, R.; BASSO, R. M. Estativos e suas características. In: **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v.4, p.15-26, 2004. Disponível em «http://www.letras.ufmg.br/rbla/2004_1/01RodolfoIlari.pdf». Acesso em «dez. 2009».

ISA (Instituto Socioambiental) – **Povos Indígenas do Brasil**: Yudjá. Disponível em «<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/yudja>». Acesso em «jul. 2012».

JENSEN, A. **Sistemas indígenas de classificação de aves**. Belém: Museu Goeldi, 1988.

LIMA, S. O. de. **A estrutura argumental dos verbos na língua Juruna (Yudja)**: da formação dos verbos para a análise das estruturas sintáticas. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LIMA, T. S. **A Vida Social entre os Yudjá**: Elementos de sua Ética Alimentar. 1986. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social - Museu Nacional, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1986.

_____. **A Parte do Cauim**: etnografia juruna. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

_____. O dois e seu múltiplo: reflexões sobre o perspectivismo em uma cosmologia tupi. **Mana**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, 1996, pp. 21-47.

MATEUS, M. H. M. "Se a língua é um factor de identificação cultural, como se compreende que a mesma língua identifique culturas diferentes?". **Quinhentos anos de história Linguística do Brasil**, 2006. Disponível em «http://www.iltec.pt/pdf/wpapers/2001mhmateusquando_uma_lingua_vive.pdf». Acesso em «jun. 2011».

MONTEIRO, J. L. **Morfologia Portuguesa**. Campinas: Pontes, 2002.

NEVINS, A.; PESETSKY, D.; RODRIGUES, C. Piraha Exceptionality: a Reassessment. **Language**, 85.2, 355-404, 2009.

NUNES, J. H. Lexicologia e Lexicografia. In: GUIMARÃES, E. (org.). **Introdução às Ciências da Linguagem**: a Palavra e a Frase. Campinas: Pontes, 2006.

OLIVEIRA, A. E. Os índios juruna do Alto Xingu. **Dédalo**, São Paulo, v. VI, n. 11-12, jun-dez, 1970.

RODRIGUES, A. D. **Línguas brasileiras**: para um conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Loyola, 1986.

_____. Argumento e predicado em Tupinambá. **Boletim da Associação Brasileira de Linguística**, [S.l.], n. 19, p. 57-66, dez. 1996.

SANDMANN, A. **Morfologia Lexical**. São Paulo: Contexto, 1997.

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2004.

SCHACHTER, P. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, T. (ed) **Language typology and syntactic description**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. vol.I.

SICK, H. **Ornitologia Brasileira**. José Fernando Pacheco (Coord. e Atual.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SOUZA, D. **Todas as aves do Brasil**: guia de campo para identificação. Feira de Santana: Editora DALL, 1998.

TILIO, R. A evolução da teoria da relatividade lingüística e a interface língua-cultura no ensino de línguas estrangeiras. **Revista Eletrônica do Instituto de Humanidades**, vol. VI, n. XXI, 2007. Disponível em «<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/362/347>». Acesso em «jul. 2011».

Recebido em 12 de dezembro de 2011.

Aceito em 05 de abril de 2012.